Jitaí: um lugar de resistência, de luta e possibilidades

Maria Vandalva Oliveira
Coordenadora Pedagógica do MOC

Um lugar tido como *"sofrido e discriminado, pela cor da pele das pessoas as"*[1] tem na coragem do seu povo uma ferramenta de luta para resgatar sua identidade e reconstruir sua história. Uma luta movida pela força de ancestrais como o Sr. Manoel João Bispo dos Santos, 1º morador, que fugiu de uma vida de escravo em fazendas da região e encontrou no meio da caatinga um lugar para recomeçar sua vida, não mais na condição de escravo.

A história do povo de Jitaí não difere das demais histórias de mulheres e homens que sobreviveram aos tombos da escravidão e, refugiaram-se pra recomeçar a vida. Retalhos desta história estão vivos na memória dos descendentes dos seus primeiros moradores, que sonham em ver a comunidade reconhecida e valorizada, como remanescente de quilombola e provida de condições dignas para a vida das pessoas que nela vivem.

A identidade quilombola refere-se à população remanescente de quilombos: *"locais onde os negros fugidos buscavam concretizar seus sonhos de liberdade e representavam a possibilidade de negação da ordem vigente"* (Carril, 1997).[2] O Decreto nº 4.887/2003 considera remanescentes de quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Ainda de acordo com o decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

A história do povo do Jitaí reafirma a resistência, a luta pela sobrevivência e o desejo de construir uma realidade diferente que garanta a igualdade de oportunidades, o convívio coletivo e respeitoso, além do acesso a direitos elementares, que historicamente lhes foram negados.

Ao revisitarem sua história, a população do Jitaí valorizam seus ancestrais e buscam revigorar suas forças para reconstruí-la a partir do esforço e da participação comunitária. De modo particular, as mulheres descobriram que organizadas elas são mais fortes e podem mais, e hoje estão produzindo e comercializando através de um Empreendimento de Economia Solidária, que já começa a sinalizar mudanças nas suas vidas e na a vida de suas famílias.

Esta conjuntura de luta, implica restabelecer a cidadania do povo do Jitaí, o que por sua vez requer a implementação de políticas afirmativas dos direitos, e, reparatórias das injustiças sofridas pela comunidade e sua população.

É notável que na última década, o Brasil assume com mais intensidade, compromissos com as populações que tiveram direitos negligenciados ao longo da sua história. Exemplo disso pode ser citado o Programa Brasil Quilombola (2003) que define diretrizes para assegurar direitos e valorizar a diversidade; a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2003) resultado da luta e resistência do povo negro do Brasil; a Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial (2006) divisor de águas no enfrentamento político contra as desigualdades sociais e raciais na Bahia; o Estatuto da Igualdade Racial (2010) destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos individuais e coletivos e o combate à discriminação.

Estas decisões tomadas na esfera federal, nem sempre são incorporadas nas demais esferas e apresentam maiores nos municípios. Sendo assim, faz-se necessário que a população do Jitaí fortaleça sua organização, reconheça seus direitos e tome posse das ferramentas de participação, e incidam para que estas diretrizes se transformem em ações e ganhem vida em suas vidas, mudando-as para melhor. Assim, continuarão se orgulhando de dizer: *"sou do Jitaí e aqui posso viver ser e feliz"*.[3]

[1] Extrato da fala de Toinza – líder da comunidade
[2] CARRIL, L. Terras de Negros. Herança de quilombos. São Paulo: Scipione, 1997.
[3] Extrato do debate na plenária realizada no 1º Seminário "Raízes de Jitaí".

Expediente

Realização: Movimento de Organização Comunitário/MOC - **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC - Kívia Carneiro, Nayara Silva, Rachel Pinto, Zezé Esteves. **Reportagem:** Rachel Pinto - **Fotos:** Rachel Pinto - **Diagramação:** Kívia Carneiro. **Fale Conosco:** MOC - Rua Pontal, n°61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia. CEP:44.017.170 - Tel. (75)3322.4444 - fax.(75)3322-4401,email:comunica@moc.org.br. Site:www.moc.org.br.

Patrocínio

PETROBRAS

MOC
MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Bocapiu

contando experiências por um sertão justo

Mulheres de Jitaí

escrevem uma nova história com coragem e fé

Patrocínio
PETROBRAS

Mulheres de Jitaí escrevem uma nova história com coragem e fé

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem mexer com Jitaí, vai mexer com formigueiro”, é com essa firme e animada cantoria que as mulheres do grupo de produção Mulheres de Fé, da comunidade de Jitaí no município de Retirolândia se reúnem todas as tardes para produzir seus lindos arranjos e peças de artesanato. Mas, a história delas nem sempre foi de atitude e segurança para garantir o espaço na vida e no formigueiro.

Negras e descentes de quilombolas, com muita coragem e fé elas estão escrevendo um novo capítulo da história da comunidade e de suas vidas. A convivência com o preconceito e a discriminação social e racial por muito tempo foi fator de tristeza, medo e vergonha. Hoje a cor da pele e a condição social são motivos de orgulho e alegria e estão estampadas no sorriso brilhante de cada uma delas.

Toinza dos Santos Bispo conta que a comunidade sempre foi muito esquecida e discriminada tanto por pessoas do próprio município, como de comunidades vizinhas. “A gente sempre foi muito esquecido. Nada chegava aqui, até hoje ainda é pouca coisa que chega. Quando a gente entrava numa loja para comprar alguma coisa as pessoas viravam as costas e faziam comentários maldosos, diziam logo, lá vem as “negas" do Jitaí. A gente ficava com vergonha e abaixava a cabeça. Nossa autoestima era lá em baixo”, diz.

O sentimento de inferioridade que tanto machucou essas mulheres foi também o responsável pela inquietação e vontade de mudança. O primeiro passo foi realização de um seminário sobre identidade negra, que envolveu a comunidade e trouxe muitas reflexões e novas ideias. Com o apoio do Movimento de Organização Comunitária (MOC) a comunidade discutiu questões sobre raça, história e organização social. “Houve um seminário chamado Raízes da Terra, que

podemos ouvir depoimentos de pessoas mais velhas da comunidade, revivemos a nossa história e dos nossos antepassados. Esse foi o primeiro passo que animou a gente”, explica Valdinélia da Silva moradora da comunidade e integrante do grupo Mulheres de Fé.

Tardes Produtivas – Antes de se organizarem em grupo, assistir televisão e novelas era a principal atividade que ocupava as tardes das mulheres. Elisandra Mota conta um pouco como era a sua rotina e das suas colegas. “A gente não fazia nada de tarde. Só sabia dormir e assistir televisão. Eu mesma sabia tudo da novela e assistia todos os filmes que passavam”, diz.

O Grupo Mulheres de Fé começou depois do seminário sobre identidade que integrou toda a comunidade de Jitaí. Hoje fazem parte do grupo 14 mulheres que produzem artesanatos diversos com EVA, frutos da caatinga e biscuit. As primeiras produções das mulheres foram arranjos rústicos com sementes, folhas e materiais naturais. Elas estão aprendendo diversas técnicas de artesanato através de intercâmbios que participam em outros municípios e com outros grupos. “A gente agora sai, conhece outros trabalhos, troca muitas experiências e aprende muito com outras pessoas de outros lugares”, afirma Toinza.

Além da participação de intercâmbios o Grupo Mulheres de Fé tem garantido presença em diversos eventos do município de Retirolândia. As mulheres participaram da I Feira Agroecológia e foi uma alegria só, como relata Elisandra “Foi maravilhoso ver o nosso talento reconhecido, as pessoas elogiando, achando os artesanatos bonitos.”.

Assim como os muitos elogios recebidos através da dedicação e capricho na produção das peças artesanais, as mulheres do grupo estão adquirindo renda própria através da comercialização. Por enquanto, o lucro conquistado é dedicado aos investimentos na compra de materiais para produzir e também na poupança de cada uma delas que pensam em juntar recursos para a construção da sede própria. O grupo funciona no espaço da associação comunitária e o sonho delas é conquistar em breve um espaço próprio.

O desejo de conquista está presente desde os detalhes no artesanato, como no olhar de cada uma das mulheres. Vergonha não existe mais na comunidade de Jitaí. Elisandra, que antes queria ser morena clara, hoje se declara negra e com muito orgulho “Antes a gente abaixava a cabeça, tinha vergonha. Hoje conhecemos sobre nossos direitos e tenho orgulho de ser negra e do Jitaí”. Valdinélia também reforça a fala da companheira “Agora se eu chegar em uma loja e falarem lá vem esse povo do Jitaí, vou dizer: Sim, sou do Jitaí e com muito orgulho. Hoje me sinto forte e segura.”

Tristeza e autoestima baixa agora passam bem longe dos moradores/as da comunidade. As pessoas estão cada vez mais participativas e desinibidas. Se antes existia medo até de falar, hoje a comunicação não é mais um problema. A comunidade tem realizado diversas ações de resgate da cultura, do samba de roda, reisados e dança afro e está fortalecendo parcerias e recebendo muitas visitas. Os objetivos agora são o reconhecimento oficial como quilombola e melhorias sociais, como saúde e infraestrutura. Se depender das mulheres do grupo com certeza fé e coragem não vão faltar para irem em busca dos seus direitos.

A personalidade e a persistência embelezam os artesanatos e afirmam cada vez mais a identidade de cada uma delas “Sou negra, sou negra sim”, diz Toinza, consciência que é reforçada por Valdinélia: “O negro é maravilhoso, é bonito mesmo”.